

## O FILÓSOFO COMO LIXEIRO

Mônica Varella/AE

Vilém Flusser nasceu em Praga, Checoslováquia, em 1920. Em 1941 chegou ao Brasil, onde permaneceu até 1972. Daí, até sua morte em Praga, morou na Itália e França. Colaborador assíduo do Suplemento Literário do Estado, Flusser publicou seu primeiro livro, *Língua e Realidade* (Herder) em 1963. Dois anos depois saiu o mais conhecido, *A História do Diabo* (Martins), uma reinterpretação dos sete pecados capitais através da ótica da filosofia existencial e do logicismo. Seu último livro publicado no Brasil foi *Filosofia da Caixa Preta* (Hucitec, 1985). A entrevista abaixo foi concedida por Flusser ao jornalista J. C. Ismael, em uma das visitas do filósofo ao Brasil, em meados dos anos 80.

**Cultura** — Ao deixar o Brasil em 1972, você se mudou para a França. De que forma este país influenciou seu pensamento?

**Vilém Flusser** — Tornei-me consciente da necessidade de superar a dicotomia entre ciência, arte e engajamento político e de voltar para a realidade humana concreta. Sei, mais claramente do que antes, que tudo a que me proponho fazer implica responsabilidade no meu estar-no-mundo por inteiro, mesmo que se trate "apenas" de escrever artigos sobre fenômenos aparentemente corriqueiros, como são, por exemplo, os gestos observados à nossa volta.

**Cultura** — Em *A História do Diabo* você se referiu ao Brasil como um território periférico do Ocidente, em cuja sociedade se

**O novo e o feio**

*Para Vilém Flusser, o migrante traz o novo, que o nativo acha feio*

distinguem dois traços fundamentais: a tristeza e a preguiça, e cuja superação deveria ser a meta do pensamento brasileiro. Ainda pensa assim?

**Flusser** — Tristeza e preguiça são termos emprestados da terminologia teológica e como tal são usados ironicamente. Traduzidos para a linguagem comum seriam aproximadamente "ideologia alienante" e "ensimesmamento mistificante". Superar tais perigos é ou deve ser a meta do pensamento dos que habitam o Brasil, co-

mo, aliás, do pensamento em geral. Admito também que a grandiloquência alienada e alienante é maior no Brasil do que, por exemplo, na França e neste sentido o Brasil é território periférico do Ocidente, mas não se trata de juízo valorativo. O Brasil enfrenta os acontecimentos de posição diferente da que tomam os países ditos desenvolvidos; embora os eventos enfrentados sejam os mesmos, a lenta decadência dos valores ocidentais e sua substituição por outros

ainda mal definidos.

**Cultura** — Para onde a filosofia ainda pode nos levar?

**Flusser** — Bacon dizia que o papel da filosofia é o do lixeiro. Deus e Diabo, na nomenclatura irônica do meu livro, são termos que conotam dúvida ontológica ou loucura. A sentença contida na sua pergunta procura dizer que por mais que duvidemos resta um finzinho de fé que pode ser extirpado apenas pela dúvida filosófica, não pela existencial e sofrida.

**Cultura** — Há os que dizem que a filosofia morreu e já vai tarde.

**Flusser** — Ignoro o significado de tal afirmativa, mas imagino que o que pretende é o fato de o discurso filosófico ser alfabético, discursivo, linear, processual, em suma: unidimensional e, portanto, superado por códigos mais avançados. Que seja. Porém, não acabou, repito, a dúvida exterminadora de restinhos de fé e tal dúvida pode articular-se em não importa qual código, filme, vídeo ou holograma. Com isso não nego o fato de que o meio influi na mensagem e que o vídeo, por exemplo, jamais será canal de filosofia. Minhas preocupações são as várias formas como a existência se manifesta e não a identidade radical que se esconde por trás dessas manifestações todas. Tomo de Goethe uma sentença inquietante que sintetiza o que acabo de dizer: não procuremos penetrar as aparências, elas são o mistério.